
Pessimismo e Otimismo

RMA

Existe alguma luz no fim do túnel? Estamos num beco sem saída? Alguns leitores podem pensar que estamos falando da malfadada política brasileira e seus dilemas tragicômicos. Não, não é disso que estamos tratando. Estamos tratando da perspectiva autogestionária. A esperança começou a soprar em 2013, mas o circo parlamentar e judiciário e a polarização burguesa promoveram um retrocesso. Isso pode gerar otimismo ou pessimismo.

Para nós, as perspectivas são de luta e radicalização. O bloco dominante, com o *impeachment* do Governo Dilma, expulsou diversas forças políticas (partidos e outras burocracias, tal como as sindicais e estudantis) para o bloco progressista, de onde tinham saído. A polarização se enfraqueceu, mas os resquícios petistas e ex-governistas devem durar por algum tempo, com cada vez menos força. Por outro lado, o governo Temer deve implantar políticas de austeridade que vai atingir a população e deve provocar descontentamento. Assim, num primeiro momento, uma resistência deve se instaurar, unindo descontentes provisórios, bloco progressista, bloco revolucionário. No entanto, será preciso o desenrolar dos acontecimentos para que o movimento de resistência ganhe força e se divida entre os dois blocos. É exatamente aí que reside a possibilidade do novo, em que pese as ambiguidades de alguns setores do bloco revolucionário, alguns, inclusive, ficando a reboque do bloco progressista. O pessimismo tende a se fortalecer em certos setores da sociedade, especialmente com as possíveis derrotas que tendem a se suceder pela fraqueza do movimento de resistência.

No entanto, cabe a nós o “otimismo militante” (Ernst Bloch) e entender que esse processo é contraditório e pode contribuir com a emergência de novas lutas e com a ação das classes desprivilegiadas, que tendem a agir quando sentem na carne (e não quando ouvem os discursos apocalípticos de opositoristas e progressistas que querem

manipular a população e ascender ao poder). Assim, nos próximos meses viveremos, provavelmente, uma situação de indecisão, de resistência maior ou menor, de confusão política. Será um período de incertezas, cuja durabilidade é difícil delimitar, mas o mais provável é que dure alguns meses e que apenas em 2017 as coisas deverão começar a se delinear melhor.

Resta-nos continuar com a luta pela autogestão, a única luz no fim do túnel e a única saída do beco do capitalismo. O combate contra o bloco dominante e o seu novo governo ao lado da luta contra o bloco progressista e sua demagogia, são elementos desse processo. A desestabilização do regime de acumulação integral subordinado brasileiro e as políticas de austeridade devem fornecer combustível para a ascensão das lutas sociais e proletárias, que poderão emergir num futuro próximo. Assim, munidos do otimismo militante, é fundamental lutar não apenas para resistir às políticas de austeridade ou optar entre “direita” (bloco dominante) ou “esquerda” (bloco progressista), mas para apontar para o *futuro* e propor uma real transformação e solução para esta situação, a revolução social geradora da sociedade autogerida.